

O #VemPraRua em dois ciclos: análise e comparação das manifestações no Brasil em 2013 e 2015¹

Tháisa Guimarães CÔRTEZ²

Luísa Perdigão ZIGONI³

Allan CANCIAN Marquez⁴

Fabio Luiz MALINI Lima⁵

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

Resumo

O presente artigo busca analisar dois ciclos identificados referentes à utilização da *hashtag* #VemPraRua: o primeiro momento dado a partir da popularização do termo, pelo Movimento Passe Livre (MPL), durante as Jornadas de Junho de 2013 e o segundo referente a nova roupagem que a *hashtag* passa a ter, a partir da apropriação do termo pelas manifestações contra corrupção e pró-impeachment que sucederam a reeleição da presidente Dilma Rousseff, no período de março de 2015. Busca-se acompanhar a transmutação do termo #VemPraRua através da análise semântica de 139.239 tweets, a fim de identificar as divergências nas narrativas e nas agendas políticas propostas pelos movimentos em questão. Além disso, será realizada a análise da rede de interações no Twitter, que se formou em torno da ampla utilização da tag, com o intuito de mapear as grandes conversações e temas centrais mais recorrentes.

Palavras-chave: #VemPraRua; Internet; Twitter; Jornadas de Junho; Manifestações pró-impeachment.

O #VemPraRua no Twitter: método e análise

O presente trabalho objetiva realizar uma análise comparativa das Jornadas de Junho de 2013 com as manifestações pró-impeachment de Março de 2015. Para isso, foi identificado um elo entre os protestos, apesar de cunho ideológico e agenda política se divergirem: a *hashtag* convocatória #VemPraRua. Almeja-se efetuar análises semânticas e da rede de interações no Twitter que circundam a *hashtag* e, dessa forma, identificar as transmutações sofridas pelo termo, assim como as diferenças estruturais de cada ciclo de manifestações.

Os dados analisados configuram dois espaços de coletas referentes ao uso da *hashtag* #VemPraRua. O primeiro *dataset* compreende o período do dia 14 de junho de 2013 a 21 de junho de 2013, remetendo, respectivamente, ao dia após ao Quarto Grande

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 2º semestre do Curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da Ufes. Email: thaisagcortes@gmail.com

³ Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da Ufes, Email: luisazigoni@gmail.com

⁴ Formado no Curso de Comunicação Social da Ufes. Email: allancancian@gmail.com

⁵ Orientador do trabalho. Professor Doutor em Comunicação e Cultura do Curso de Jornalismo da UFES. Email: fabiomalini@gmail.com

Ato (MPL-SP), quando ocorreu uma forte repressão policial, e ao dia em que o MPL divulgou a retirada do movimento das manifestações. O segundo *dataset* compreende o período que vai do dia 10 de março de 2015 a 17 de março do mesmo ano, no qual engloba o intervalo de organização, efetivação e repercussão de ambas manifestações ocorridas na semana, a do dia 13 (pró-governo) e a do dia 15 (contra o governo).

Para a realização da coleta no Twitter foi utilizado o *script* Ford⁶, tecnologia de extração e mineração de dados desenvolvida pelo Laboratório de Imagem e Cibercultura da Universidade Federal do Espírito Santo (Labic-Ufes). Optou-se pela análise apenas dos retweets que contêm a *hashtag* #VemPraRua em seu conteúdo, para assim, promover um estudo baseado nas interações na rede geradas em torno do termo e tecer um comparativo entre os dois recortes de data selecionados.

A luz do método das perspectivas de análise de redes sociais, proposto por Fábio Malini (2016), objetiva-se compreender o pensamento que forma a rede. Embasado no perspectivismo ameríndio do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, o autor se debruça na análise das relações dispostas na rede com o objetivo de identificar *pontos de vista* coletivos a fim de compreender disputas, posicionamentos, controvérsias e associações.

Toda rede é uma sobreposição de camadas de redes que vão adensando relações e se dissociando entre si no tempo. Essas camadas de redes revelam pontos de vistas particulares sobre o fenômeno, fornecendo ao pesquisador uma multiplicidade de grupos de opinião, de julgamento, de mobilização e de difusão que não se reduzem a nenhum sentido totalizante e genérico do Uno. Não faz sentido a existência de perfil senão estando em relação de se pensar com o Outro (seguidor, amigo, inscrito etc). (MALINI, 2016, p.9).

Malini descarta as práticas globalizantes de visualização das interações e, a partir da concepção de que há uma assimetria de poder entre os integrantes de determinada rede, propõe uma análise que valorize um acento coletivo em que a densidade de relações altamente conectadas entre perfis fazem emergir pontos de vistas coletivos capazes de influir nos sentidos dos acontecimentos sociais (MALINI, 2016).

Através da posição das comunidades em relação às partes do todo, é possível identificar conexões de proximidade ou distanciamento entre "grupos de emaranhados interativos das redes". Essa relação fornece ao pesquisador uma forma de identificar pontos de vista coletivos presente em cada agrupamento e permite compreender as ligações e mapear semelhanças, particularidades, padrões de conhecimento e comportamento, controvérsias na rede de atores e narrativa.

⁶ A mineração (MINE), a filtragem (SIFT) e a análise (PARSE) foram feitas a partir de diferentes scripts desenvolvidos pelo Labic e englobados num Wrapper em Python para automatização do processo.

Para a visualização da grande quantidade de dados referente as coletas, foi utilizado o *software* de código aberto Gephi⁷, que permitiu a geração de layouts dos grafos visualizados neste trabalho a partir do algoritmo *Force Atlas 2*, que cria um centro de gravidade para as relações de maior atração e uma dispersão na periferia das mais fracamente conectadas. Ao mesmo tempo, demonstram os pontos (nós) com maior popularidade, em função da aplicação da estatística *Weighted In-Degree*, que determina um valor aos nós baseado na quantidade de retweets que um perfil recebeu em seus mensagens.

A métrica é a responsável por indicar os perfis que comportam-se como Autoridade na rede (MALINI et al, 2014), ou seja, que detém um número significativo de republicações feitas por outros usuários.

Os grafos ainda permitem o atributo de cor dos pontos, que é realizado através do cálculo da Modularidade (*Modularity Class*), cuja função é detectar comunidades em redes complexas, conferindo aleatoriamente uma cor para os nós que as constitui. Dessa forma, o agrupamento será definido por um conjunto de nós que, a partir da aplicação do algoritmo, indicará relações de aliança entre pontos de vista. Quanto mais densa as interconexões entre um determinado grupo de nós, maiores as chances deles construir um módulo na rede (RECUERO, 2014).

Essas três operações conjugadas permitiram visualizar agrupamentos coesos de ideias, atores mais populares e polarizações políticas envolvendo a *hashtag* #VemPraRua. Já para o tratamento do conteúdo textual, foi utilizado o *script* Mandala, ferramenta de visualização de co-ocorrência de palavras mais recorrentes no *dataset*. A tecnologia, também desenvolvida pelos pesquisadores do Labic-Ufes, permite à análise semântica um leque de interpretações e possibilidades de investigar e conhecer as narrativas existentes num período determinado.

Para esta análise, filtrou-se o termo “VemPraRua” e, a partir deste, a ferramenta dispôs os seus quinze principais termos recorrentes e suas cinco co-ocorrências, para cada período. Buscou-se, assim, compor um panorama léxico que possibilitasse uma compreensão mais aprofundada do contexto inicial, no momento em que o termo tornou-se popular e denota seu caráter mobilizatório e, posteriormente, quando há uma apropriação da *hashtag*.

O #VemPraRua: gênese e deslocamentos

⁷ Gephi é um programa de código aberto para análise de rede e visualização de grandes dados, utilizado como principal ferramenta para examinar redes no Twitter, Facebook e outros sites sociais. O download pode ser feito em www.gephi.org

O ano de 2013, no Brasil, foi marcado por inúmeras manifestações. Foi um ano que emergiu movimentos, lideranças, estratégias e formas alternativas de utilização da mídia. Essas manifestações, denominadas, posteriormente, de Jornadas de Junho foram impulsionadas pelo aumento das tarifas dos transportes públicos nas principais capitais e encontraram nas redes sociais, um local fértil para propagação.

Para Brant (2016), os protestos que se sucederam ao longo de 2013 integraram, pelo menos, doze elementos, que se não fossem levados ao entendimento, segundo o autor, tornaria impossível a compreensão da eclosão.

Se trata de los siguientes: “la coyuntura política brasileña, la crisis de representación y participación política, las inspiraciones internacionales, la historia reciente de la lucha por la reducción de las tarifas (de ómnibus), la fuerza de la pauta del transporte público, el momento del Mundial de Fútbol, la fuerza del modelo de manifestaciones, la potencia de las redes sociales y del relato independiente, la violencia policial contra manifestantes y periodistas, la demora en la reacción de los gobernantes, la acción de los medios tradicionales y, finalmente, las múltiples narraciones y vivencias de los actos.” (BRANT, 2016, p.134-135).

As mídias sociais se transformaram em ferramentas essenciais para a dinamização dos acontecimentos nas ruas, tendo o Twitter como uma das principais fontes de informação. As notícias eram disseminadas e acompanhadas das *hashtags* que, para Brant (2016), podem ser consideradas um relato virtual de convocação para a ação, uma espécie de expansão das redes do grito que soava nas ruas. O termo “VemPraRua” transformou-se em uma das *hashtags* mais compartilhadas e muitos acreditaram que ela nascera no contexto das Jornadas de Junho de 2013, entretanto, sua origem data muito antes.

O bordão, o grito e a *hashtag* #VemPraRua não nasceram em 2013. O "Vem Pra Rua Vem" é entoado nas manifestações do país desde o começo dos anos 2000, quando as lutas pela qualidade do transporte público (sobretudo aquelas ligadas a exigência de passe livre para estudantes) e a mobilidade urbana se transformaram em principais causas dos conflitos mais violentos nas ruas das cidades brasileiras. (MALINI et al., 2014, p.3).

Em São Paulo, no dia 21 de Junho, o MPL retira-se de cena, logo após a prefeitura e o governo retrocederem no aumento das passagens do transporte público. As manifestações, entretanto, continuaram, seguindo pautas e assuntos de acordo com a realidade de cada Estado e cidade. “Saindo de cena as concentrações de grandes multidões com uma multiplicidade de pautas, passaram a prevalecer atos de dimensões menores, com reivindicações mais centradas e outros mecanismos de organização e atuação”. (PESTANA, 2013).

Todavia, os protestos começaram a enfraquecer ainda em Junho. Sobre isso, Viana (2015) afirma que a diversidade de pautas e a falta de objetos concretos para sanar os problemas desses temas tornaram-se um empecilho para a continuação natural das reivindicações. Já o ano de 2014, quando comparado ao de 2013 em relação às manifestações, mostrou-se mais ameno. Segundo Viana (2015):

As mobilizações mais fortes foram dos atingidos pelas obras da copa, estudantes ativistas que foram protagonistas no ano anterior e mais alguns poucos grupos e ações sem grande repercussão. A ação principal foi efetivada pelo Estado. O Estado, como “capitalista coletivo ideal”, realiza uma política de repressão preventiva visando conter o avanço das lutas sociais e especialmente, nesse contexto, os protestos a respeito da Copa do Mundo de Futebol. (VIANA, 2015. p. 37).

Em 2014 o Brasil presenciou a disputa presidencial mais acirrada de sua história. Em disputa com o candidato Aécio Neves (PSDB-MG), Dilma foi reeleita com 51% dos votos. E neste novo cenário político era discutido os desafios da presidente Dilma para possibilitar a governabilidade de seu mandato perante o Congresso Nacional.

Emergiu neste contexto grupos opositoristas ao governo Dilma e ao Partido dos Trabalhadores, que usavam das redes sociais para alcançarem cada vez mais pessoas insatisfeitas com o momento em que o país vivia. Grupos como “Movimento Brasil Livre”, “Vem pra Rua” e “Movimento Endireita Brasil”, reivindicavam o fim da corrupção, o impeachment da então presidente e outras propostas mais acentuadas no âmbito político brasileiro.

Para Gohn (2016), a questão política entra em cena como divisor de água entre aqueles que apoiavam o governo da Presidente Dilma Rousseff e aqueles que são contra seu governo, pelas políticas adotadas ou anunciadas por ele, ou por convicções próprias. Como estratégia desses novos grupos, *hashtags* utilizadas nas Jornadas de Junho ganham uma ressignificação. O próprio termo “VemPraRua” passou a ser utilizado como grito e tag de guerra para se rebelar contra Dilma e seu governo nas ruas e timelines do Brasil. E em 2015, mais precisamente durante o mês de março, as ruas do Brasil são novamente tomadas por manifestantes. Desta vez, formadas por grupos e pautas de reivindicações diferentes das apresentadas nas Jornadas de Junho.

Os escândalos de corrupção correlacionados à Petrobrás e as dificuldades financeiras do governo atenuaram a crise política que se instalou no início do segundo mandato do governo Dilma. Foi neste cenário que as duas grandes manifestações ocorridas em março de 2015 se destacaram. A primeira, no dia 13, de apoio ao governo federal, organizada por movimentos sociais tais como Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

(MST), a Central Única dos Trabalhadores (CUT), a União Nacional dos Estudantes (UNE) e Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). Esta manifestações, segundo Gohn (2016), representaram uma tentativa de antecipar e contrapor a outra manifestação que estava sendo organizadas para o dia 15 de Março. Esta manifestação foi responsável por trazer novamente a multidão às ruas. Gohn (2016), disserta a respeito desta segunda manifestação:

Aparentemente foi uma retomada de Junho de 2013, mas só na questão numérica. Os manifestantes foram ativados via redes sociais, especialmente por novos grupos criados a partir de 2013 ampliando o espectro dos matizes políticas dos atores, trazendo para a cena do protesto social nas ruas grupos que se apresentam em público como de oposição ao atual governo federal brasileiro, mas buscam não se identificar com partidos políticos, mesmo com os da oposição. (GOHN, 2016. p. 139).

De canto nas ruas durante os atos e com o uso de *hashtag* por ciberativistas para mobilizar suas redes a respeito das pautas de reivindicações, percebe-se uma alternância de narrativas ao termo “VemPraRua” no período de 2013 e no de 2015, quando emergem novas discussões, grupos e ideais baseadas em dois grupos ideologicamente distintos.

**#VemPraRua 2013 x
atores e pontos de**

**#VemPraRua2015:
vista em Redes de RTS**

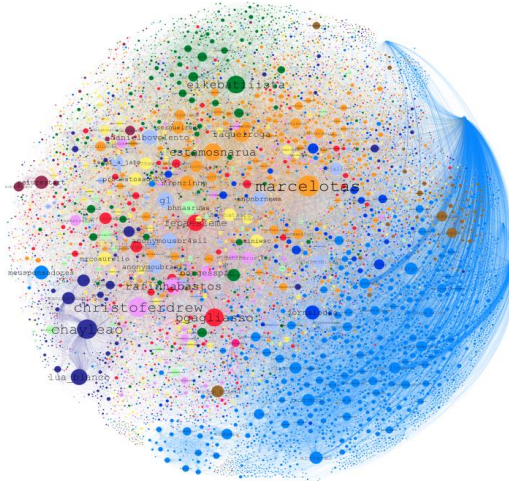


Imagem 1- grafo de interações na rede #VemPraRua no Twitter em Junho de 2013 (Créditos: LABIC)

Ao plotarmos a rede do #VemPraRua referente à junho de 2013, contabilizando um total de 438.448 retweets, um grande centro surgiu, criado por perfis distintos, que se mobilizaram em uníssono. Não há unidade possível em estruturas relacionais de rede, mas a

aglutinação e a intensidade de circunvizinhança, demonstrava que a estrutura era mobilizadora, uma espécie de grito coletivo convocatório.

A estrutura de perfis do Twitter constituinte do grande núcleo denso e heterogêneo do grafo do #VemPraRua2013 criava, na verdade, um “centro de atenção”, apresentando pontos de vista para além de ideologias e bandeiras partidárias. A velocidade de publicação de tweets, na época, aumentou a temperatura no Congresso, que nunca antes na história votou, em tão pouco tempo, medidas populares. Até a imprensa teve que rever a sua visão sobre o que acontecia nas ruas, já que até então condenava as manifestações como atos de baderna de pequenos grupos. Além disso, o movimento trouxe pautas políticas que evidenciaram uma resistência às estruturas de poder vigentes, como a mídia hegemônica, os Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, e os partidos políticos. A agenda política presente contemplava desde questões indígenas, como a demarcação de terra, ao clamor por mudanças progressista e contra projetos conservadores, como a legalização da maconha, desmilitarização da Polícia Militar e o passe livre.

Vale ressaltar que, ao visualizar a rede, nota-se a presença de perfis de celebridades, e a aparição destes ocorre após o dia 17 de julho, que até então nem partidos, nem imprensa, nem políticos e nem celebridades tinham feito uso do #VemPraRua, fato que só ocorreu após a *hashtag* se tornar “assunto do momento” em função da explosão de imagens de ocupação das ruas e do Congresso Nacional. Antes disso, a rede era ocupada por “estranhos”, atores anônimos não-famosos, que constituíam uma forte multidão de indignados que compartilhavam a tag (FALCÃO, 2014).

O grafo a seguir corresponde ao período das manifestações de março de 2015 e contabilizou 402.510 retweets. Ao aplicar o cálculo da modularidade, evidencia-se a presença de comunidades bem definidas e densamente conectadas, ao contrário da rede difusa de 2013. A grande clusterização azul forma uma estrutura baseada em muitos perfis robôs nas redes sociais, cuja função é de mencionar e replicar “líderes”, inflar publicações de RTs e criar um efeito manada no público. O uso intenso de perfis automatizados se fez presente em ambos os grafos, mais foi em 2014 (a partir das eleições presidenciais) e nas manifestações de 2015 que o uso indiscriminado tornou-se notório. A função desses bots é a de atacar e defender visões partidárias e publicizar eventos que lhes convêm, deixando pouco espaço para possibilidades de eclosão de justos fatos e discursos políticos espontâneos.

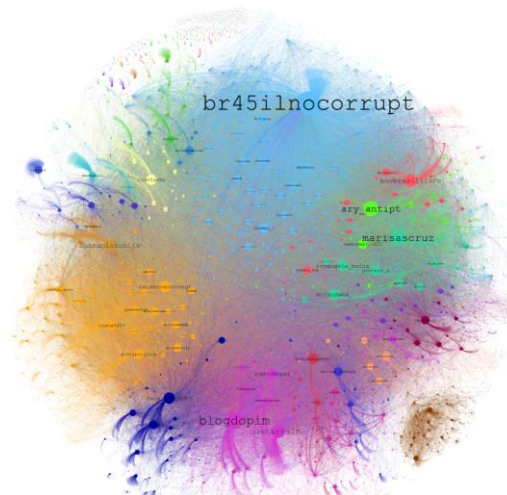


Imagem 2- grafo de interações na rede #VemPraRua no Twitter em Março de 2015. (Créditos: LABIC)

Enquanto em Junho de 2013 as redes produziam centros de conversação e mobilização conjuntamente, março de 2015 demonstra uma convergência de discurso ideológico. A agenda basicamente se concentrou em críticas ao governo de Dilma Rousseff (PT), aos inúmeros casos de corrupção associados ao Partido dos Trabalhadores (PT) e, por conseguinte, na mobilização pela queda da presidente, através do processo de impeachment que estava circulando pela Câmara dos Deputados.

As manifestações dos dias 13 e 15 de março de 2015 abriram uma comparação imediata com os protestos dos dias 17 a 21 de junho de 2013, quando eclodiram, por todo Brasil, atos que combinavam ocupação das ruas e uso intensivo político das redes sociais da internet. Ambos detêm a ocupação como um dos assuntos mais presentes nas manifestações. Por meio de compartilhamento de fotos, depoimentos e cobertura livestream, perfis convocavam para a participação do movimento para além do ciberespaço. Todavia, 2015 revela uma diferença brutal para 2013: há líderes e pouca conexão com as reivindicações que Junho levou para as ruas.

Ao analisar as *hashtags* mais compartilhadas nos períodos, notou-se o crescimento do #ForaDilma. Em 2013, ainda não tão expressiva, o termo contabilizou um montante de 3.126 menções, enquanto em 2015, houve um aumento significativo e chegou a obter 12.781. Entretanto, pela contagem dos usuários presente em ambos os ciclos, não foi possível traçar uma continuidade entre os dois protestos. Apenas 6.141 perfis em 2013, que corresponde à aproximadamente 3%, estiveram também ativos na rede #VemPraRua em março de 2015.

Predomínio Discursivos e manifestações de 2013 e 2015: diferenças radicais

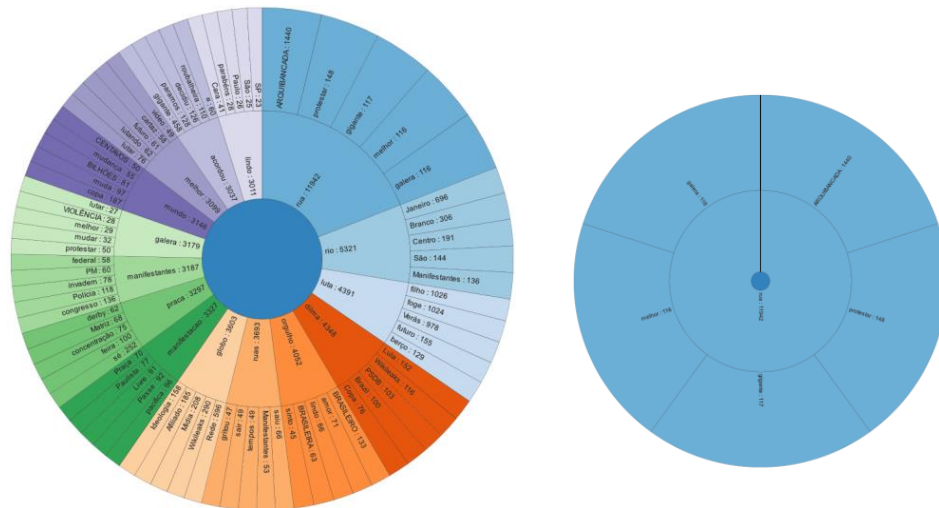


Imagem 3 e 4 - Mandala #VemPraRua em Junho de 2013 e co-ocorrências do termo 'Rua'. (Créditos: LABIC)

A hashtag “VemPraRua”, em 2013, aponta e corrobora para o ideal de mobilização para qual ela foi criada pelo Movimento Passe Livre (MPL), no início das manifestações contra o aumento das tarifas de transporte público, na cidade de São Paulo. Em seguida, inspirou todo o país e fez emergir novas pautas de reivindicações em decorrências de fatores já apresentados acima, como a corrupção, os gastos públicos e a insatisfação política.

Os 15 termos mais recorrentes neste primeiro período de análise são, em ordem decrescente: ‘Rua’, ‘Rio’, ‘Luta’, ‘Dilma’, ‘Orgulho’, ‘Ruas’, ‘Globo’, ‘Manifestacao’, ‘Praca’, ‘Manifestantes’, ‘Galera’, ‘Mundo’, ‘Melhor’, ‘Acordou’, ‘Lindo’. As narrativas apresentadas aqui contribuem e vão ao encontro da produção de sentido que fez originar o termo “VemPraRua”: a causa mobilizatória e sua capacidade e potencialidade de incitar, em rede, os atores para irem às ruas exprimir suas indignações e mudanças às quais almejam.

Notamos que as três palavras, neste universo de 15, mais recorrentes e seus cinco termos co-ocorrentes, são: a) ‘Rua’ (‘Arquibancada’, ‘Protestar’, ‘Gigante’, ‘Melhor’, ‘Galera’); b) ‘Rio’ (‘Janeiro’, ‘Branco’, ‘Centro’, ‘São’, ‘Manifestantes’); c) ‘Luta’ (‘Filho’, ‘Foge’, ‘Verás’, ‘Futuro’, ‘Berço’).

Rua-Arquibancada⁸ tem relação com a “música-tema” das manifestações de junho, quando os ativistas “hackeiam” o jingle da Fiat, feito para convocar a população para os jogos da Copa das Confederações. O jingle, cujo refrão diz “Vem pra rua, que a rua é a maior arquibancada do Brasil”, animavam os tuitaços, legendando tweets de ocupações de

⁸ É curioso que esse “trailer” das ruas compõe o caráter transmidiático dos protestos, uma vez que os atos seguintes ao dia 17 de Junho de 2013 eram convocados e registrados em vídeos cuja trilha sonora marcada pelo “jingle da Fiat”. Esse aspecto transmidiático demonstra um certo padrão de mobilizações de ruas intensamente conectadas à rede, que, em função de sua natureza multimídia, transforma o engajamento social também em engajamento multimedializado.

ruas, tais como: @SignosFodas: #VemPraRua porque a rua é a maior arquibancada do Brasil; @EuPedroBial: Vem pra Rua porque a Rua é a maior arquibancada do Brasil! #OGiganteAcordou #VemPraRua.

As ocupações das ruas em Junho transformaram-se em símbolos para os atos “concretos” durante este período. Elas foram tomadas por manifestantes, dia após dia de atos, tal como ocorreu na capital carioca, quando no dia 17 de Junho, o centro da cidade, em especial a Avenida Rio Branco, foi ocupado por 100 mil manifestantes. Os tweets a seguir ilustram esta interpretação: @Fatos_sjc: #VemPraRua 20 de junho (quinta-feira) na Praça Afonso Pena as 16hrs vamo sair um pouco do tt e ir protestar!!; @MarceloFreixo: Fundamental!!!! RT @raqueiroga: 100 MIL NO RIO! LINDO! #MudaBrasil #ProtestoRj #VemPraRua <http://t.co/mtym2IfyyC>; @Hygeagatha: O povo saindo nas ruas pra protestar contra o poder, o país cagando pra seleção...isso parece um sonho #vempraruapvh.

Já a co-ocorrência de Rua-Gigante está relacionada, sobretudo, a uma das *hashtags* mais frequentes na rede durante as manifestações: ‘OGiganteAcordou’. O termo ‘Gigante’ passou designar o Brasil, pois era como os brasileiros, tanto nas mídias sociais, quanto nas ruas, chamavam seu país. Os tweets apresentados corroboram com o sentido o qual o termo ganhou: @viniwsc: É realmente pra parar e refletir.. #vempraru #ogiganteacordou <http://t.co/37O1w3xkyT>; @Leoni_a_jato: #OGiganteAcordou #VempraRua #acordabrazil #BrasilAcordou #Brasiléhoradeacordar #protesto #protestorj <http://t.co/pDUl88QG>; @MarceloTas: CQC hoje ao vivo do estúdio e das ruas #GiganteAcordado #vempraru #ProtestosBR @ Grupo Bandeirantes... <http://t.co/KdqpphRyHB>.

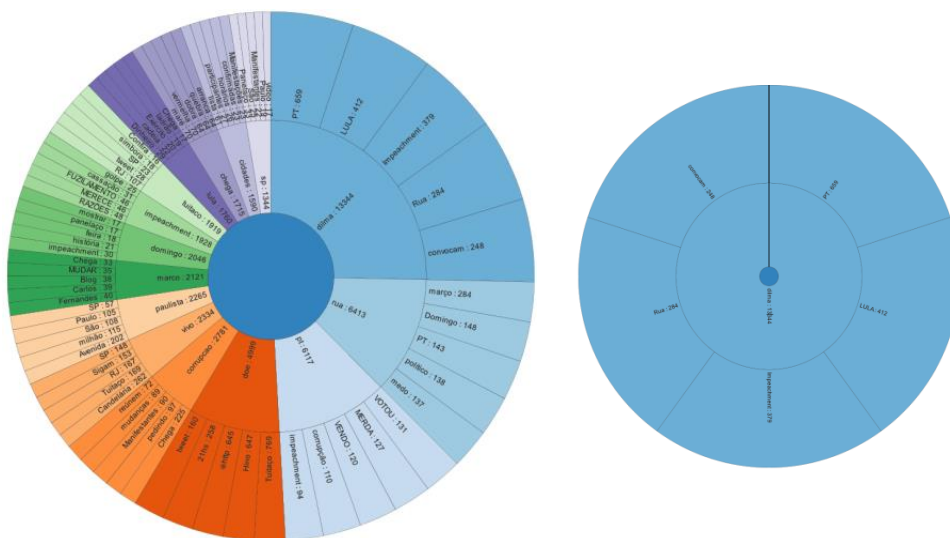


Imagem 5 e 6 - Mandala #VemPraRua em Março de 2015 e co-ocorrências do termo 'Dilma'. (Créditos: LABIC)

A imagem 5 (Mandala de 2015) corresponde ao período datado do dia 10 ao dia 18 de Março de 2015. Filtrada, também, a partir do termo “VemPraRua”, retrata um conjunto de 52.842 tweets. Destes, temos os 15 termos mais recorrentes: ‘Dilma’, ‘Rua’, ‘PT’, ‘Doe’, ‘Corrupção’, ‘Vivo’, ‘Paulista’, ‘Marco’, ‘Domingo’, ‘Impeachment’, ‘Tuitaço’, ‘Luta’, ‘Chega’, ‘Cidades’, ‘SP’.

O contexto político-econômico no pós-eleições presidenciais 2014 já se projetava não favorável à governabilidade de Dilma Rousseff. O cenário passou a se configurar por fortes e frequentes oposições, com a organização de manifestações, como a do dia 15 de Março, e de ações em rede, como tuitaços convocatórios a essas ações nas ruas.

Surgiu também, no período das eleições de 2014, grupos que divergiam quanto aos ideais políticos do Partido dos Trabalhadores. O Movimento Vem Pra Rua, a exemplo desses grupos, foi um dos responsáveis pela organização e convocação para as manifestações do dia 15. E, muito embora tenha tido no dia 13 de Março, manifestações pró-governo, as narrativas mais notórias são as relacionadas aos grupos contrários ao governo petista. Destaque para os três principais termos e seus co-ocorrentes: a) ‘Dilma’(‘PT’, ‘Lula’, ‘Impeachment’, ‘Rua’, ‘Convocam’); b) ‘Rua’ (‘Março’, ‘Domingo’, ‘PT’, ‘Político’, ‘Medo’); c) ‘PT’ (‘VOTOU’, ‘MERDA’, ‘VENDO’, ‘Corrupção’, ‘Impeachment’).

‘Dilma’ é o termo mais recorrente no *dataset* referente à *hashtag* “VemPraRua” em Março de 2015. Suas co-ocorrências vão ao encontro da conjuntura de oposições que fora criada. Os três termos mais co-ocorrentes à ‘Dilma’ são, respectivamente, ‘PT’ (Partido dos Trabalhadores), ‘Lula’ e ‘Impeachment’.

Podemos compreender a relação que ambos os termos possuem entre si e à presidente, inseridos em um contexto cuja bandeira de reivindicação torna-se clara: o antipetismo e o afastamento de Dilma. Tivemos em 2014 uma das eleições presidenciais mais acirradas da história brasileira e o raxa que se fez presente acompanhou 2015.

Em março de 2015, período das coletas referentes as imagens 5 e 6, era crescente a insatisfação de uma parcela da sociedade brasileira quanto ao governo, ao Partido dos Trabalhadores (PT), às medidas governamentais de cunho político e econômico e, principalmente, insatisfação pelas denúncias de corrupção na Petrobrás.

As manifestações foram reverberações dos discursos de brasileiros que não se sentiam representados pela vitória novamente de um governo petista. Nesta conjuntura entendemos que PT, Lula e Dilma são postos como sinônimos, ou seja, possuem o mesmo

sentido para os opositores: aquilo que deve ser eliminado. E o afastamento da presidente, para a oposição, se daria mediante processo de Impeachment.

É válido ressaltar que, embora haja a bandeira de impeachment contra Dilma Rousseff já durante as manifestações de Março, muitos atores na rede mostravam-se contrários a essa possibilidade. Para elucidar esse panorama, temos os seguintes tweets: *@DaniloGentili: Isso tudo que aí está é culpa do Lula, do PT - nao isolem a Dilma como se a culpa fosse dela; @DireitaBrasil: PT, VERGONHA DO BRASIL!! #ForaDilma #ForaPT <http://t.co/hJpcW7Yo47>; @UOLNoticias: Bolsonaro, do PP (partido com mais políticos investigados na Lava Jato), protocola pedido de #impeachment de Dilma; @sigaruiz: Ainda não saquei o 'Tchau Dilma' vocês acreditam mesmo que vai rolar Impeachment? Fala sério, vocês não seriam tão nó cegos.*

Considerações finais

Nas ondas de protesto que sensibilizaram o país em 2013 e 2015 conseguimos identificar, por meio das análises de mandalas e grafos, uma nova forma de se comunicar e espalhar conteúdo para uma imensidão de perfis. As mandalas e os grafos, bem como a observação dos tweets e tags, são visualizações que nos permitem apreender a respeito dos contextos que foram apresentados. E a partir deles, tornou-se possível suscitar narrativas, agendas políticas e as interações entre usuários e conjunturas diferenciadas nas quais o termo “VemPraRua” está imerso.

A agenda política de cada ciclo deixou claro o quão diferente as manifestações de junho de 2013 e as de 2015 eram. Além de ampliar a agenda política com temas particulares a cada estado, a “viralização” das Jornadas de Junho também ajudou a debater assuntos amplos e que envolviam todo o país, como projetos de lei polêmicos, truculência policial, corrupção no governo, entre outros. Quando analisamos os termos mais compartilhados dos protestos de 2013, notamos um Brasil unido em busca de soluções para seus problemas, que nos ajudam a perceber como os manifestantes estavam empenhados em levar mais pessoas às ruas do país.

Já o ciclo das manifestações de 2015 se desenvolveu em cima da vontade dos manifestantes em retirar Dilma Rousseff e todo o PT do governo brasileiro, sendo um movimento nacional e sem temas particulares de cada região. Para um movimento dito conservador por incluir religiosos, partidos políticos mais rígidos e alguns grupos

extremistas, tal “onda conservadora” não apresentava uma agenda política com temas e ideias focadas em pautas reacionárias.

Com agendas políticas diferentes, percebe-se que a *hashtag* #VemPraRua de 2015 ficou muito mais atrelada a palavras e tags que pediam o fim do governo petista (#foradilma, #foralula, #forapt, #vaiadilma), enquanto em 2013 a *hashtag* quase sempre estava junta de outros termos que chamavam para as manifestações e passavam um sentimento de mudança que o país necessitava (#ogiganteacordou, #changebrazil, #mudabrasil, #protestosp).

A disputa ideológico-partidária faz Março se distanciar de Junho. A mesma *hashtag*, #VemPraRua, no Twitter, ganhou outro design, marcada pela bipolaridade, devida a alta contaminação dos partidos, preocupados mais em defender seus governos do que ampliar a pauta de reivindicação de direitos aberta pela nova sociedade civil brasileira.

Referências

BRANT, João. **Política e Comunicação nas Jornadas de Junho**. In: SAVAZONI, Rodrigo; COPELLO, Kalinca. Brasil. In: SORJ, Bernardo; FAUSTO, Sergio. *Activismo Político en tiempos de internet*. Plataforma Democrática. São Paulo, 2016.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2013.

_____. **A autocomunicação de massas segundo Castells**. Portal CMais, Junho de 2013. Disponível em: <<http://cmais.com.br/educacao/ideias-inovadoras/fronteiras-do-pensamento/a-autocomunicacao-de-massas-segundo-castells>>. Acesso em 01 de julho de 2016.

FALCÃO, Paula. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. **A Genealogia das Lutas Multitudinárias em Rede**. O #vempraru no Brasil. UFRJ: Rio de Janeiro, 2014

GOHN, Maria da Glória M. **Manifestações de protesto nas ruas no Brasil a partir de Junho de 2013: novíssimos sujeitos em cena**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 16, n. 47, p. 125-146, jan./abr. 2016.

_____. **Movimentos sociais e redes de mobilização civis no Brasil contemporâneo**. Ed. Vozes: Petrópolis.

LEMOS, André. **Cibercultura, Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2008. 4ª ed.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed.34, 1999.

MALINI, Fábio. **Um método perspectivista de análise de redes sociais: cartografando topologias e temporalidade em rede**. XXV Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

_____. GOVEIA, Fábio. CIRARELLI, Patrick. CARREIRA, Lia. HERKENHOFF, Gabriel. REGATTIERI, Lorena Lucas. LEITE, Marcus Vinicius. **#VemPraRua: Narrativas da Revolta Brasileira**. ALAIC 2014, Peru. Disponível em: <<http://www.labic.net/wp-content/uploads/2015/09/VemPraRua-Narrativas-da-Revolta-brasileira.pdf>> Acesso em 20 de Junho 2016.

_____. REGATTIERI, Lorena Lucas. REIS, Nelson Aloysio. MEDEIROS, Jean Maicon. **A Forma Perspectiva no Twitter: uma técnica quanti-qualitativa para estudos de Redes Sociais**. Intercom Nacional 2014, Foz do Iguaçu. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-2511-3.pdf>>. Acesso em 2 de julho de 2016.

MORAIS, Denis de. **O ativismo digital**. Corvilhã: Univ. da Beira Interior, 2001. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.html>>. Acesso em 20 de junho de 2016.

PESTANA, Marco M. **As jornadas de junho, julho e agosto: questionamentos da ordem e necessidade de avanços organizativos**. Marx e o Marxismo: UFF, 2013. Disponível em <<http://www.marxeomarxismo.uff.br/index.php/MM/article/download/18/3>>. Acesso em 2 de julho de 2016.

RECUERO, Raquel. **Contribuições da Análise de Redes Sociais para o Estudo das Redes Sociais na Internet: O caso da hashtag #TamojuntoDilma e @CalaabocaDilma**. Revista Fronteiras: Vol. 16, p.1, 2014. Disponível em <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2014.162.01/4191>>. Acesso em 2 de julho de 2016.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo**. Rev. USP, São Paulo, n. 86, ago. 2010. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13811>>. Acesso em 20 jun. 2016.

STRESSER, Ronald. **Ciberativismo: A política 2.0**. Dissertação – Pós-Graduação em Mídias Digitais da Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2010.

VIANA, Nildo. **A Luta de Classes no Brasil (2013-2015)**. Revista Espaço Livre, v. 10, n 20, p. 31-44, jul./dez. 2015.